

**ESTUDO LÉXICO-SOCIAL  
DA TERMINOLOGIA MILITAR EM DIACRONIA:  
UMA ABORDAGEM FUNCIONAL  
DA VARIAÇÃO E MUDANÇA**

*Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (UFS)*  
[smda@oi.com.br](mailto:smda@oi.com.br)

**RESUMO**

O trabalho que ora apresentamos é um estudo léxico-social, em caráter diacrônico, do termo militar "passo", constante frequentemente em dois manuais de tática para infantaria, manuscritos em língua portuguesa, em território português, dos séculos XVIII e XIX. Para a realização da nossa investigação, partimos de algumas perguntas: a) Quais os tipos de variantes do termo delimitado aparecem, sincronicamente e diacronicamente?; e b) Quais seriam as motivações para as variações e mudanças na terminologia militar sob uma perspectiva sociolinguística (ECKERT, 2004) que também estivesse alinhada com os estudos da lexicologia social (MATORÉ, 1973) e da socioterminologia variacionista (FAULSTICH, 1995, 1998, 2001, 2002)? A partir das indagações que constituem a nossa problematização, traçamos os objetivos de analisar, sincrônica e diacronicamente, a unidade terminológica militar "passo", a partir de edições paleográficas das fontes primárias coletadas na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (CAMBRAIA, 2005), e verificar, a partir dos resultados obtidos, a articulação que se fez entre linguagem, história e comunidades de prática (CAMBRAIA, 2013; ECKERT, 2004; MATORÉ, 1973). Para a concretização do nosso intuito, aplicamos o modelo de análise da socioterminologia variacionista (FAULSTICH, 2001, 2002) à análise das variantes, e identificamos, sistematizamos e buscamos as motivações dos fenômenos de variação e mudança (ECKERT, 2004; LABOV, 2008) extraídos dos nossos *corpora*. Nossa discussão foi de cunho qualitativo e quantitativo (BYBEE, 2002). Os resultados finais apontaram para um entendimento de variação e mudança linguística das unidades terminológicas simples e complexas (DIK, 1981, 1983) do item lexical delimitado, que deve sempre relacionar o léxico em uso de uma dada língua à história social e cultural de suas comunidades de práticas. (MARENGO, 2016; MARENGO & CAMBRAIA, 2016)

**Palavras-chave:** Socioterminologia. Lexicologia social. Variação. Mudança.

## **1. Introdução**

Este trabalho apresenta uma amostra de resultados de uma investigação na área da socioterminologia, uma vez que nosso foco é um termo da linguagem de especialidade militar. Os *corpora* delimitados são dois manuais manuscritos, um setecentista e outro oitocentista, que apresentam táticas militares de infantaria do exército português. Ambos os documentos estão no acervo da seção de manuscritos da Fundação Bibli-

oteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ).

Após a delimitação, descrição e estudo inicial do termo militar *passo*, nos questionamos: quais seriam as motivações para as variações e mudanças na terminologia militar sob uma perspectiva sociolinguística (ECKERT, 2004) que também estivesse alinhada com os estudos da lexicologia social (MATORÉ, 1973) e da socioterminologia variacionista (FAULSTICH, 2001, 2002)? Assim, nosso objetivo principal é analisar, sincrônica e diacronicamente, a unidade terminológica militar "passo", a partir de edições paleográficas das fontes primárias coletadas na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (CAMBRAIA, 2005), e verificar, a partir dos resultados obtidos, a articulação que se fez entre linguagem, história e comunidades de prática. (CAMBRAIA, 2013; ECKERT, 2004; BIDERMAN, 2001; MATORÉ, 1973)

Para concretizar o nosso intuito, nossa proposta metodológica está voltada para uma análise quantitativa assentada na frequência de ocorrência estabelecida por Joan Bybee (2002). No mais, é primordial dar tratamento qualitativo aos dados a fim de buscar uma explicação da diferença de frequência dos termos a partir da visão socioterminológica de viés tipológico-funcional da linguagem de especialidade militar. (FAULSTICH, 1995, 2001, 2002; MARENGO; CAMBRAIA, 2016)

## **2. Aproximações da terminologia com a sociolinguística**

Tratar de variação e mudança na terminologia é algo relativamente novo. No Brasil, data de 1989, um ano após a realização do Congresso de Bruxelas, onde foi assentada a viabilidade de estudos diacrônicos nessa área, que “surgiram as primeiras ideias de que, no discurso, o termo apresentava variação” (FAULSTICH, 2001, p. 20). A abordagem diacrônica, amplamente trabalhada na linguagem geral, abre possibilidades de pesquisas no campo da variação e mudança nas diversas linguagens de especialidade. Nos anos 90 do século passado, os estudos de variação terminológica ganharam reforço. A partir dos postulados de Enilde Faulstich (1995), outros estudiosos da área passam a investigar fenômenos variacionistas nas linguagens de especialidade. Assim, refutam os postulados iniciais de Eugênio Wüster, considerado fundador da terminologia, que afirmava que as variações terminológicas deveriam ser elimi-

nadas por meio da normalização<sup>69</sup> de seus termos.

Um das primeiras estudiosas a rebater os postulados wüsteriano foi Maria Teresa Cabré (1993, p. 157) ao afirmar que “[...] toda linguagem de especialidade, na medida em que é um subconjunto da língua comum, compartilha de suas mesmas características; trata-se, então, de um código unitário que permite variações” (tradução nossa). Endossando as ideias dessa pesquisadora, Enilde Faulstich (1998a) desmistifica ainda mais a sistematização terminológica de Eugênio Wüster ao afirmar que os termos de uma linguagem de especialidade são entidades variantes que se manifestam nos planos vertical (mesma especialidade), horizontal (especialidades diferentes) e temporal. Enilde Faulstich e Maria Teresa Cabré se baseiam em uma orientação funcional das linguagens de especialidade, uma vez que admitem o texto especializado e o discurso por ele produzido como elementos centrais no desenvolvimento dos estudos terminológicos.

Apesar da persistência desse conceito, há alguns anos se começou a questionar certas afirmações sobre o unitarismo e se começou a desenvolver uma proposta de terminologia concentrada na análise textual dentro de um marco da comunicação especializada e viés cultural próprios das ciências da linguagem. Consequentemente, se começou a descrever o seu caráter variacionista. (CABRÉ, 1999, p. 166 – Tradução nossa)

Nesse contexto, Enilde Faulstich (1998a, p. 141), afirma que “a polifuncionalidade da unidade lexical [...] pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o mesmo termo” uma vez que será esse o espaço em que as variantes serão “resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo”. (FAULSTICH, 2001, p. 22)

Ao tratar de comunidade, deixamos claro que a nossa visão não é a de *comunidade de fala*, mas a de *comunidade de prática*. Uma vez que estamos alinhados com os pressupostos da socioterminologia de viés funcional- que vai estudar o termo sob uma perspectiva linguística na interação social (FAULSTICH, 1995) – e essa, por sua vez, tem como base auxiliar os princípios da sociolinguística, optamos pelos estudos de Penelope Eckert (2004) como referência para esse diálogo. Justificamos essa escolha por meio das palavras de Raquel Meister Ko Freitag, Marco Antonio Martins e Maria Alice Tavares (2012), ao explicitarem que

---

<sup>69</sup> Segundo Eugênio Wüster, normalizar, em terminologia, é simplificar *a posteriori*, isto é, remover sinônimos e homônimos.

Propondo uma discussão sobre os rumos do significado social no estudo da variação, Eckert (2012) faz uma abordagem programática dos estudos sociolinguísticos com o propósito de relevar o estudo da variação com ênfase no significado social: como o sistema de significado social é estruturado? Que tipos de significados sociais são expressos na variação? Em seu retrospecto, Eckert destaca que os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. (FREITAG, MARTINS & TAVARES, 2012, p. 919)

Desse modo, a escolha pelos estudos de Penelope Eckert se deve ao fato de que compartilhamos as mesmas inquietações na relação da língua com o significado social. A pesquisadora agrupa os estudos da sociolinguística em três perspectivas, que chama de ondas. Para nosso estudo nos importa somente a terceira onda, uma vez que é nesse momento que se a sociolinguística centra sua atenção em saber “como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela” (FREITAG, MARTINS & TAVARES, 2012, p. 922). Além disso, esta última onda apresenta um deslocamento de foco importante: passa-se do conceito de *comunidade de fala* para o de *comunidade de prática*.

O termo comunidade de fala tende a implicar uma coalescência de residência e atividade diária, mas os falantes se movem dentro e fora da comunidade. Desde que nos concentramos em uma comunidade como uma unidade estática, que em última análise, se opõe à mudança, é essencial visualizar comunidades como criações sociais. [...] A comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno de algum empreendimento. Unidos por esse empreendimento comum, as pessoas vêm para desenvolver e compartilhar maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças, valores - em suma, práticas - como uma função de seu engajamento conjunto em uma atividade. Simultaneamente, as relações sociais se formam em torno das atividades e as atividades se formam em torno dos relacionamentos. Tipos particulares de conhecimento, experiência, e formas de participação se tornam parte de identidades individuais e lugares na comunidade. (ECKERT, 2004, p. 34-35 – Tradução nossa)

Como estamos tratando de linguagem de especialidade, compartilhada e amplamente usada em contextos de uma determinada prática social específica, cremos que esse alinhamento é mais apropriado. Estabelecemos que a linguagem de especialidade militar é partilhada por uma comunidade de prática: os militares, que são os enunciadores e os enunciatários dos textos documentais com os quais estamos operando. Essa delimitação é necessária porque, segundo Enilde Faulstich (2002, p. 66), “é fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico [...] se transforme num ins-

trumento de trabalho e seja fonte de informação lexical e semântica das áreas específicas do conhecimento”. Além disso, é importante afirmar que os conceitos que os termos portam são fruto de atividades cognitivas e interativas compartilhadas entre sujeitos. A conceitualização de mundo bem como o modelo mental que se cria a partir dele são, em grande parte, partilhadas entre os sujeitos, construindo-se, assim, a base do entendimento mútuo. (KLEIBER, 1999)

Logo, apontamos para a importância dos sujeitos, uma vez que são eles que geram e usam os conceitos e sua materialização expressa no léxico de uma língua. Acrescentamos a esta afirmação o fato de que tanto os sujeitos quanto as suas manifestações linguísticas estão imersos em um universo maior: a sociedade. Desse modo, a linguagem que usam, seja geral ou de especialidade, não só reflete as construções cognitivas individuais e assentidas pela coletividade, mas também aponta para o modo como essa comunidade mapeia o mundo ao seu redor em dado espaço temporal. (CAMBRAIA, 2013)

Com base no que foi exposto, Enilde Faulstich (1998b) propõe um modelo de análise das variações terminológicas considerando que os itens do léxico especializado, como entidades históricas, devem ser analisados tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico para que se possa ter dimensão total da evolução que o termo sofreu através dos tempos. Jean-Claude Boulanger (1991, p. 19) nos afirma que

a variação terminológica é necessária e é óbvio que a variação lexical ou linguística é vista em qualquer língua fragmentada no tempo, no espaço e na sociedade. Essas variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas formam a essência da socioterminologia. (Tradução nossa)

Estabelecendo que um termo é passível de assumir valores distintos e que a função de uma dada variável pode desempenhar papéis diferentes em seus contextos de ocorrência na linguagem de especialidade, Enilde Faulstich (2001) construiu uma teoria da variação em terminologia que, além de servir de modelo, abriu espaço para investigações de cunho variacionista, tanto sincrônica quanto diacronicamente, no campo da Terminologia. A partir dessas premissas, alinhados com a sociolinguística variacionista, podemos afirmar que a variação de um termo de dada linguagem de especialidade se dá pela ação do movimento gradual que realiza no tempo e no espaço. Além disso, focando a inserção dos estudos de Enilde Faulstich dentro do funcionalismo, notamos que essas variações são provocadas pela função das variáveis que estão envolvidas em sua produção. Como nos afirma a própria autora, “[...] a função é uma

entidade pragmática que ativa ou retrai os mecanismos da variação". (FAULSTICH, 1998c, p. 13 – Tradução nossa)

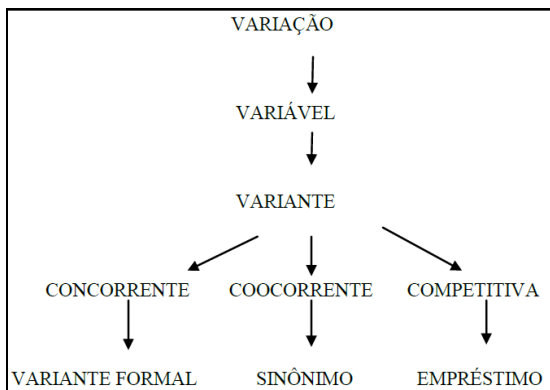
A proposta desse trabalho está inserida no rol da abordagem funcionalista da socioterminologia variacionista. Levando-se em consideração os agentes e os significados gerados a partir dos manuais de tática de infantaria, partimos da premissa de que os termos militares refletem uma cultura militar e uma visão de mundo por parte dos militares. Assim, ainda que os termos estejam inseridos em um âmbito restrito, que é o do discurso especializado, cabe atentar para o fato de que os agentes envolvidos nessa situação comunicativa, apesar de pertencerem à mesma comunidade de prática, possuem modos individuais e particulares de sentir, perceber e pensar sobre o seu entorno. É a partir dessa convergência de diferentes experiências (ROSCH, 1975) que passam a designar os conceitos de um campo de especialidade. Essa ideia também encontra respaldo nos estudos sociolinguísticos de terceira onda, por conta da adoção da concepção de comunidade de prática.

Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática. (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p.103)

Agregamos, também, que é por conta dessa soma e multiplicidade de fatores que os termos estão sujeitos a variações e, portanto, podem apresentar conteúdos instáveis.

[...] os termos de conteúdo instável são, em primeiro lugar, unidades, cujas entidades denotadas não são o produto de nossa experiência perceptiva, mas o cruzamento de um modelo sociocultural e de uma estratificação histórica, portanto, pela sua própria origem, muito mais aberto à variação que os termos referentes a entidades "perceptuais". (KLEIBER, 1999, p. 36-37 – Tradução nossa)

A afirmação de Kleiber (1999) reforça a ideia de que os termos não são entidades estanques, reforçando as propostas de Enilde Faulstich (2002), que propõe o seguinte constructo teórico para analisar as variações terminológicas:



**Figura 01: Construto de Enilde Faulstich (2002, p. 76)**

A partir do esquema apresentado, constatamos que o fenômeno de variação será expresso por meio das variantes encontradas no discurso especializado. A função de uma dada variável será a responsável por motivar o fenômeno. As variantes, por sua vez, podem pertencer a três tipos de categoria: variantes concorrentes, variantes coocorrentes e variantes competitivas.

De acordo com o postulado de Enilde Faulstich (2002, p. 77), essas variantes podem ser definidas como: 1) *Variantes concorrentes*: aquelas que podem concorrer entre si, ou que podem concorrer para a um processo de mudança. São classificadas como variantes formais, isto é, são formas linguísticas ou exclusivas de registro que correspondem “a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado” (FAULSTICH, 2002, p. 77); 2) *Variantes coocorrentes*: as que apresentam duas ou mais denominações para um mesmo referente. Elas formalizam a sinonímia terminológica; e 3) *Variantes competitivas*: “são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes” (FAULSTICH, 2002, p. 77). As variantes competitivas se concretizam através de pares formados por empréstimos linguísticos e formas da língua vernácula.

No que tange às variantes concorrentes, a autora as subdivide em duas grandes categorias: *variantes terminológicas linguísticas* e as *variantes terminológicas de registro*. As primeiras “são aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (FAULSTICH, 2002, p. 73), ao passo que as segundas “são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal,

no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos” (FAULSTICH, 2002, p. 73). Nesse trabalho, nos centramos somente nas variantes de registro que, de acordo com Enilde Faulstich (2002, p. 82-83), podem ser analisadas segundo uma:

- 1) *Variante terminológica geográfica*: aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes lugares em que se fala a mesma língua. Assim, essa variante não foi contemplada em nosso artigo uma vez que os nossos *corpora* têm a mesma procedência geográfica;
- 2) *Variante terminológica de discurso*: aquela que ocorre no plano vertical e decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre enunciador e enunciatário de textos técnico-científicos, podendo ser estes mais ou menos formais;
- 3) *Variante terminológica temporal*: aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas ou mais formas concorrem durante um tempo, até que uma delas se fixe como preferida. Para esse trabalho, nos dedicaremos somente às variantes terminológicas que levam em conta o discurso e o tempo.

### **3. Os corpora**

Os *corpora* selecionados pertencem ao acervo documental da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ). Ambos são de Portugal e escritos em língua portuguesa. A primeira fonte documental selecionada intitula-se *Instruções militares que contém os princípios geraes de Tactica (1769)* e é de autoria de Antônio José Batista de Sá Pereira Carneiro. O segundo documento tem por título *Elementos de tactica para a infantaria (1829)* e é de autoria do terceiro Conde D'Oyenhausen, João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg, filho do primeiro conde dessa linhagem).

### **4. Procedimentos metodológicos**

Foram realizadas edições semidiplomática (CAMBRAIA, 2005) dos dois manuscritos. Logo, delimitamos o termo *passo* nas edições. A unidade terminológica foi delimitada em sua forma simples e complexa (DIK, 1981). Para a análise, operamos com os dados em dois momentos



distintos: primeiro com os do século XVIII e, depois, com os do XIX. Em seguida, analisamos a categoria de variantes terminológicas de registro (FAULSTICH, 2002). Ao classifica-las, também buscamos as motivações para os processos de variação e mudança. As nossas análises de cunho qualitativo levaram em conta tanto os fatores intralinguísticos quanto os extralinguísticos (LABOV, 1994, 2001). Além disso, procuramos as motivações nas relações sociais, culturais e históricas. (ECKERT, 2004; MATORÉ, 1973)

O trabalho com as frequências foi baseado, com as devidas adaptações ao viés socioterminológico, em Joan Bybee (2002), que propõe a manipulação de frequências em duas vertentes: a) Frequência de ocorrência (*token frequency*), em que indicamos o número de vezes que termo ocorre nos *corpora*; e b) Frequência de conjunto de formas (*type frequency* ou frequência de tipo), indicando a quantidade de itens lexicais especializados dentro do campo nocional estabelecido. Após a classificação dos dados, passamos à comparação dos resultados.

### 5. *Análise e discussão da variante de registro do termo passo*

Para tratar dos casos de variantes de registro, focamos nos conceitos atribuídos às unidades terminológicas, extraídos das definições constantes nos manuscritos, sob a perspectiva histórico-comparativa. Desse modo, para o termo *passo*, apresentamos o seguinte quadro:

SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX
<b>Passo, Passo Militar ou Passo de escola:</b> Passo realizado pelos soldados de uma tropa com o mesmo pé em igualdade e cadência em alinhamento.	<b>Passo:</b> É o deslocamento de um soldado medido em polegadas entre um pé a frente e o outro atrás.
<b>Passo dobrado ou largo:</b> Passo realizado com cento e vinte a cento e trinta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	<b>Passo acelerado ou apressado:</b> É o deslocamento de um soldado que compreende 100 passos de 24 polegadas por minuto.
<b>Passo de estrada:</b> Passo de oitenta a noventa passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	
<b>Passo de costado ou oblíquo:</b> Passo militar realizado para o lado direito ou lado esquerdo.	<b>Passo de costado ou oblíquo:</b> Passo dado no movimento no qual as linhas marcham para direita ou para esquerda no terreno de batalha.
<b>Passo descaçado ou curto:</b> Passo realizado com menos de setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	<b>Passo de pelotão:</b> Deslocamento de um soldado de 36 passos de 18 polegadas por minuto.
	<b>Passo lento:</b> É o deslocamento de um soldado

	que compreende 50 passos de 24 polegadas por minuto.
<b>Passo ordinário ou natural:</b> Passo realizado pelo soldado com setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	<b>Passo de entrada, de manobra ou ordinário:</b> É o deslocamento de um soldado que compreende 72 passos de 24 polegadas por minuto.

**Quadro 01: conceitos de *passo***

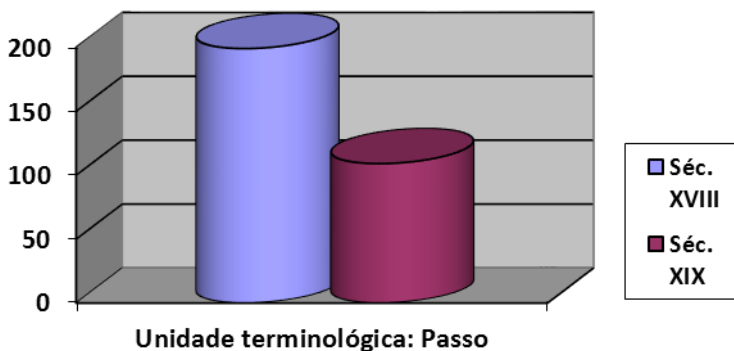
O *passo ordinário* (ou *natural*), no século XVIII, é aquele que se faz com 70 passos de 24 polegadas por minuto. O mesmo termo, *passo ordinário*, no documento oitocentista apresenta outra unidade léxica como seu sinônimo: *passo de entrada* (ou *de manobra*). Se, nesse campo, estamos tratando de tática e essa, por sua vez, se materializa na manobra, vemos uma conexão entre os predicadores (DIK, 1981) atribuídos: ‘*manobra*’ e ‘*natural*’, ou seja, é o passo mais usual, mais *natural*, mais *ordinário* de *entrada* nas *manobras*. Verificamos que, no século XVIII, há apenas um par binário para designar o conceito. Já no século XIX são três unidades terminológicas. Também verificamos que, apesar de haver um referente em comum nos dois séculos – *passo ordinário* –, os conceitos não são totalmente iguais. Notamos uma mudança no que se refere ao número de passos dados de mesma extensão (24 polegadas): no primeiro, 70 passos; no outro, 72. Essa mudança no número de passos nos leva à ideia de aumento de velocidade dos movimentos de um século a outro. O aumento da velocidade nos remete à constatação de que, no século XIX, a tática é mais dinâmica e, por conseguinte, a guerra também se torna um evento mais dinâmico. Aqui temos o léxico remetendo aos conceitos sociais da época. (MATORE, 1973)

O termo *passo dobrado* (ou *largo*) expressa o conceito de deslocamento realizado com 120 a 130 passos de 24 polegadas por minuto. Já o *passo de estrada* retrata um deslocamento de 80 a 90 passos de 24 polegadas por minuto. No século XIX, nenhum dos predicadores se repete. O conceito mais próximo que temos é o de deslocamento de um soldado que compreende 100 passos de 24 polegadas por minuto, materializado no termo *passo acelerado* (ou *apressado*). Notamos que esses dois últimos termos do século XVIII se fundiram em um único no século XIX expressando, conceitualmente, uma média das velocidades estipuladas anteriormente: 100 passos.

O processo inverso ao caso anterior se faz com o termo *passo descançado* (ou *curto*) presente no manuscrito setecentista. O conceito apresentado é o de um passo realizado com menos de 70 passos de 24 polegadas por minuto. No entanto, verificamos uma imprecisão uma vez

que o conceito estabelecido só expõe um limite numérico: menos de 70 passos. Ao buscar os termos do século XIX, vemos que há duas unidades terminológicas complexas<sup>70</sup> que, não só expressam o mesmo conceito, como o delimitam de forma precisa. Em *passo de pelotão* temos 36 passos de 18 polegadas e em *passo lento* são 50 passos de 24. Vemos, assim, uma especificação mais detalhada dos termos no documento oitocentista. Já o termo *passo de costado* (ou *obliquo*), presente em ambos os manuscritos, em sua essência, não sofreu alteração conceitual.

Assim sendo, mesmo que os dados quantitativos nos apontem uma diminuição do termo *passo* no século XIX (cf. Gráfico 01), constatamos que, nesse período, se deu uma delimitação mais precisa dos conceitos das unidades terminológicas.



**Gráfico 01: Frequência de ocorrência de termos *Passo***

A maior especialização do termo *passo* no século XIX acompanha a história militar de Portugal, que também se especializa nesse período, principalmente por conta dos avanços tecnológicos e das novidades trazidas pelas táticas de guerra napoleônicas.

Napoleão e suas práticas de guerra tornam-se o referencial dos destinos e estudos da guerra, da tática e da estratégia no século XIX. Bonaparte usa a história como fonte de informação e análise dos erros e acertos de outros generais e comandantes. Longe de pensar em repetir a história ou mesmo que as guerras sejam parecidas ou iguais, Bonaparte reflete sobre a guerra no contexto

---

<sup>70</sup> Neste trabalho, estamos concebendo uma unidade terminológica complexa (UTC) a partir dos modelos de predicação de Simon Dik (1981 e 1983). Assim, entendemos uma UTC como "unidades formadas por uma base e argumentos, ou por uma predicação nuclear e seus satélites" (CAFÉ, 2003, p. 68)

histórico, político e militar. (BELLINTANI & BELLINTANI, 2014, p. 22)

Assim, verificamos que a linguagem de especialidade militar está imbricada com a história militar e, também, com a história social de Portugal (MARENGO & CAMBRAIA, 2016). Dessa feita, ratificamos as palavras de Fernando Pereira Marques (1999) ao expor que “ao estudar-se a evolução da organização militar e do Exército, torna-se mais inteligível a evolução da própria sociedade”. (MARQUES, 1999, p. 14)

Como nos afirma Penelope Eckert (2004), a mudança social também deve ser analisada em seu processo cotidiano, de forma que sejam percebidas as correlações entre ela e a mudança linguística. Pelo que nos mostrou a análise do termo *passo*, ficaram claras as correlações existentes entre mudança social, no seio da comunidade de prática, e mudança linguística. Dessa feita, vimos a atuação das variantes temporais e variantes de discurso nos nossos *corpora*.

## **6. Encaminhamentos finais**

Concluindo, percebemos que mudanças significativas ocorreram com o termo *passo*. O aumento ou a diminuição da frequência dos dados gerados nos relatam as variações existentes em cada época e a marcação de quantidade das mudanças expressas pelas frequências de ocorrência de cada um dos séculos. Vimos que os fenômenos linguísticos incidentes estão acompanhando a progressão da história militar e social portuguesa desse período. (MARENGO & CAMBRAIA, 2016)

Nessa análise nos alinhamos com os preceitos expostos por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006), uma vez que percebemos, como afirmam os autores, que as mudanças linguísticas não são dão de modo aleatório e repentino. Desse modo, também baseados em Penelope Eckert (2004), buscamos não só analisar a motivação social das variações e mudanças encontradas, mas também tentamos especificar, na medida do possível, o grau de correlação entre o fator social e a variação linguística que levou à mudança.

Assim, ratificamos que a socioterminologia, em uma abordagem diacrônica, dialoga com várias outras áreas de especialidade. Esse traçado nos leva a uma reflexão histórica e cultural que pode apontar tanto para a criação conceitual do termo quanto para sua criação lexical. Além disso, também nos leva a entender o meio sociocultural no qual circulam os termos científicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLINTANI, Adriana Iop; BELLINTANI, Mauro. *A guerra: do século XIX aos nossos dias*. Boa Vista: UFRR, 2014.

BOULANGER, Jean-Claude. Une lecture sócio-culturelle de la terminologie. *Cahiers de Linguistique Sociale, Terminologie et Sociolinguistique*, 18. Université de Rouen/Mont-Saint-Aignan: GRECO-IREN, 1991. p. 13-30.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 602-623.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

\_\_\_\_\_. *La terminología: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAFÉ, Lígia. Terminologia: aplicação do (re)modelo de Simon Dik. In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs.). *Linguística aplicada à terminologia e lexicologia*. Cooperação internacional: Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003, p. 59-82.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, vol. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.

DIK, Simon. Predication and expression: the problema and the theoretical framework. In: \_\_\_\_\_. *Predication and expression in functional grammar*. Londres: London Academic Press, 1981, p. 1-17.

\_\_\_\_\_. *Advances in Functional Grammar*. Foris Publications: *Publications in Language Sciences*, n. 11, 1983.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

\_\_\_\_\_; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina.; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*:

clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010, p. 93-108.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina *Revista Ciência da Informação*, Brasília: MCT/CNPq/IBICT, vol. 24, n. 3, p. 281-287, set-dez 1995.

\_\_\_\_\_. Variação terminológica. Algumas tendências no português do Brasil. In: *Cicle de conferencies 96-97. Lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Entre a sincronia e a diacronia*: variação terminológica no código e na língua. Conferência magistral apresentada no VI Simpósio da Rede Iberoamericana de Terminologia (RITERM). Havana, 1998b. Disponível em:

<[http://www.ufrgs.br/riterm/por/simposios\\_antiores\\_1998.html](http://www.ufrgs.br/riterm/por/simposios_antiores_1998.html)>.

Acesso em: 13-05-2014.

\_\_\_\_\_. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie In: KAGEURA, Kyo; L'HOMME, Marie-Claude. (Eds.) *Terminology*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, vol. 5, n. 1, p. 93-106, 1998c.

\_\_\_\_\_. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. TRADTERM*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 7, p. 11-40, 2001.

\_\_\_\_\_. Variação em terminologia. Aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, Gloria Guerrero; PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando. (Coords.). *Panorama actual de la terminología*. Granada: Comares, 2002, p. 65-91.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, vol. 6, n. 56, p. 917-944, 2012.

KLEIBER, Georges. *Problèmes de sémantique*. La polysémie en questions. Lille: Ed. du Septentrion, 1999.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994 [e 2001].

MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves. *Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos*

dos séculos XVIII e XIX. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves; CAMBRAIA, César Nardelli. Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão/Sergipe, n. 24, p. 203-224, 2016.

MARQUES, Fernando Pereira. *Exército e sociedade em Portugal, no declínio do antigo regime e advento do liberalismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

MATORÉ, Georges. *La Méthode en lexicologie*. Domaine français. Paris: Librairie Marcel Didier, 1973.

ROSCHE, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of experimental Psychology: General*, n. 104, p. 192-233, 1975.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.